

CLAV2016

9th Latin American Retail Conference

Título do Artigo: **“Práticas do morar e consumir em apartamentos compactos na grande metrópole”**

Autor(es): ***Benjamin Rosenthal, Eduarda Gambagorte.***

Apoio

CAPES FAPESP FGV EAESP GVPESQUISA

Realização

FGV EAESP CENTRO DE EXCELÊNCIA EM VAREJO

Práticas do morar e consumir em apartamentos compactos na grande metrópole

Introdução

Apenas recentemente o conceito de espaço e suas implicações sobre os hábitos, estilo de vida e relações sociais têm recebido maior atenção na área de estudos culturais do consumidor. O foco dos pesquisadores tem se dado em como o espaço urbano suscita ligações emocionais (DEBENEDETTI; OPPESAL; ARSEL, 2014), provoca percepção de afiliação (NIELSEN; MOLLER, 2014), denota capital econômico (O'GUINN; TANNER; MAENG, 2015), é experienciado (MACLARAN; BROWN, 2004) ou ainda em como os indivíduos negociam significados atrelados ao consumo do espaço público, fomentando ideologias (VISCONTI et al., 2010). O olhar para dentro da residência familiar também recebeu atenção, ainda que menor. Bardhi, Eckhardt e Arnould (2012) mostram como as necessidades advindas de um estilo de vida nômade-global transformam o papel que os bens têm na formação de identidade em pessoas que buscam desmaterializar as posses, em relações líquidas. No entanto, se as ralações entre estilo de vida e posse ou uso dos objetos foram analisadas, ainda não se tem na literatura uma compreensão do papel do contexto sócio-econômico-espacial nos comportamentos, valores e hábitos dos indivíduos.

O presente estudo investiga mudanças de comportamento, hábitos de consumo e relações com as posses de indivíduos que passaram a morar em apartamentos compactos na cidade de São Paulo, de forma a entender como o espaço residencial limitado se relaciona ao estilo de vida de seu morador, com impactos no consumo dentro e fora da residência, na socialização e na realização de atividades em estabelecimentos de rua.

Acreditamos haver nesse estudo uma relevância contextual. O tamanho dos apartamentos nos grandes centros urbanos vem diminuindo (o número de apartamentos vendidos em São Paulo com um único dormitório cresceu mais que 400% entre 2004 e 2013, segundo o Secovi-SP) e isso provoca transformações na mentalidade das pessoas, cada vez mais prezando pela praticidade e pelo consumo seletivo de bens materiais. São pessoas que querem morar perto do espaço profissional, moram em apartamentos pequenos e passam muito tempo fora de casa. Essas são transformações relevantes para diversas indústrias como a imobiliária, bares e restaurantes, moda, móveis, serviços de condomínios residenciais, entre outros.

Nesse estudo foram realizadas treze entrevistas em profundidade com pessoas de classe econômica elevada residentes na cidade de São Paulo, na faixa etária entre 21 e 25 anos, que passaram a morar em apartamentos compactos em São Paulo visando a entender a relação do indivíduo com o espaço em que habita e a importância da residência para a mudança na relação com as posses materiais e os hábitos de consumo. No processo de análise os autores utilizaram os conceitos de *space, place* e *home* (Tuan, 1977), e os conceitos de *habitus*, gosto, campo e práticas de Bourdieu (2003), pois ajudam na compreensão das escolhas de consumo, socialização e formação de hábitos de grupos. No *habitus* se estabelecem às escolhas de consumo dos indivíduos, sendo que consumo é uma expressão sócio cultural posicionante, que reflete o grupo ao qual o consumidor pertence. Desta forma, comportamentos delimitados no espaço residencial exíguo acabam sendo internalizados, originando um novo processo de identificação do morador e constituindo um novo estilo de vida.

Os resultados mostram que essas pessoas estão passando por uma transformação no seu campo, com mudanças profissionais, geográficas, sociais (grupos) que impactam seu estilo de vida (e suas práticas dentro e fora de casa) e que, em um contexto urbano de adensamento, trânsito e elevação do preço do imóvel, as leva para escolhas de imóveis pequenos. Assim suas práticas e seu *habitus* mudam, transformando seu pensar, agir e consumir. O que se revela aqui é uma posição espacial e sócio-econômica alterando o consumo. São alterações menos motivadas por cunho moral ou ideológico e mais fruto de um contexto sócio-econômico e de restrições de espaço urbano.

Revisão Teórica

Lugar, Espaço e Morar

Os conceitos de espaço e lugar são interdependentes - um é usado para definir o outro. Lugar pode ser entendido como um espaço limitado, ao qual foram atribuídos valor e significado, já espaço é um conceito mais amplo: enquanto lugar remete segurança e estabilidade, espaço remete liberdade e o desconhecido - um só se faz perceber quando em comparação com o outro, e o indivíduo precisa de ambos (TUAN, 1977).

Um lugar adquire valor simbólico conforme as experiências nele vividas. Por experiência, entende-se um conjunto de sensações e percepções usados para construir a realidade, emocional e cognitivamente. A experiência do espaço é vivida quando há possibilidade de movimento e de manipulação de objetos, os quais servem como pontos de referência para a configuração de um lugar (TUAN, 1977). Um indivíduo que acaba de se mudar para um novo bairro ou cidade demora para conhecer efetivamente sua nova realidade: falta-lhe identificação dos pontos de referência.

Outro conceito relevante para esse estudo é o de *spaciousness* (amplitude). A amplitude vai além do espaço físico, e contempla um componente subjetivo, que é o de senso de liberdade (TUAN, 1977). Entende-se assim que liberdade implica espaço, espaço suficiente para ser experimentado através do movimento.

Dois pontos ajudam a moldar a relação entre o ambiente e os indivíduos: a) o sentimento de amplitude, que só é possível na comparação; e b) a interpretação do ambiente, que varia conforme a cultura, as experiências e as aspirações do intérprete (TUAN, 1977).

O espaço transformado pelo homem influencia sua identidade. Além disso, lhe serve como referência de seu papel social e de como se comportar em determinado local (TUAN, 1977). Assim como o espaço modificado influencia o indivíduo e suas atividades, o indivíduo quer se ver refletido no espaço e o modifica conforme seus interesses e aspirações, podendo-se atribuir ao espaço um caráter de identidade, próprio e do indivíduo ou grupo que o habita (TUAN, 1977).

O conceito de lar, por sua vez, relaciona-se à intimidade e segurança. Um lar compreende as memórias e experiências vividas no local e é o lugar cujos objetos são tão familiares que chegam a não ser percebidos. Na ausência destes objetos, por outro lado, o indivíduo pode dar-se conta de que algo lhe falta (TUAN, 1977).

Wise (2000) trata da relação entre lar, identidade e hábito, e pode servir como uma ponte entre os conceitos espaciais de Tuan e o de *habitus* de Bourdieu. Wise entende hábito como a repetição de um comportamento que não é mais consciente, que reflete aprendizado e que é influenciado pelo ambiente externo ao indivíduo. Ele mostra ainda

como a identidade é fundamentada pelos hábitos, e como estes, por meio da repetição, ajudam a estabelecer o sentido de lar.

Os hábitos ajudam a definir a identidade de um indivíduo e têm relação bidirecional com a cultura: a cultura forma um hábito, e os hábitos são responsáveis por perpetuar esta cultura e trazer o sujeito para dentro dela. Segundo Wise (2000), a criação de um lar é um processo cultural, pois lar é um lugar dotado de significado, e os significados que cada indivíduo dá a um mesmo objeto variam conforme seus hábitos e cultura. Os hábitos ligam os indivíduos ao espaço e ao lar e ajudam a formar e expressar a sua identidade.

Habitus, Campo e Práticas no Morar

Segundo Bourdieu (2003), estilos de vida são posições no espaço social, ou seja, a expressão das diferentes condições de existência. Essas condições de existência, por sua vez, são expressadas pelas práticas, as quais são moldadas pelo *habitus*. O *habitus* é uma série de disposições, formas de agir e pensar que dão sentido à vida cotidiana. No *habitus* residem as práticas e o gosto, que expressam a posição social e o contexto no qual foram construídos. Assim, o *habitus* foi estruturado por uma realidade exterior ao sujeito, mas influencia a determinação de suas práticas.

Um exemplo da utilização de *habitus* está em Kuruoglu e Ger (2015) que mostraram como certos objetos (fitas cassete de música na pesquisa em questão) ajudam a estabelecer um *habitus* emocional de um grupo, que separa "nós" e "eles", em meio a práticas de circulação de música na sociedade turca.

Entende-se que o gosto por determinados objetos e práticas é socialmente construído e exprime o pertencimento do sujeito a determinado grupo social. A escolha de um objeto e a adoção de uma prática são imbuídas de um elemento simbólico que comunica a posição social do sujeito. Desta maneira, o gosto está no princípio do estilo de vida.

O estilo de vida deve ser entendido como um princípio uno que abrange diversos âmbitos da vida cultural e comportamental dos indivíduos. Bourdieu (2003) ilustra essa idéia ao se referir a um marceneiro cujas maneiras de gerir o orçamento, linguagem, indumentária e ética do trabalho estão relacionadas e constituem parte do estilo de vida do sujeito. Por fim, o *habitus* vai evoluindo conforme as mudanças sociais e externas ao indivíduo, trazendo consigo a essência do contexto no qual foi criado.

Holttinen (2014), por exemplo, mostra como práticas relacionadas ao jantar de família durante a semana e nos finais de semana revelam ideais culturais e projetos de identidade familiar ao passo que também essas práticas são modificadas a partir da restrição de recursos (principalmente tempo) disponíveis para a efetivação das práticas. Neste caso as práticas têm lugar no lar, um dos locais mais importantes para a manifestação discursiva da paternidade e maternidade "corretas".

Bardhi, Eckhardt e Arnould (2012) falam sobre as escolhas de consumo e a identidade em um contexto de nomadismo global contemporâneo. Eles mostram como os indivíduos que sofrem uma série de realocações internacionais de curta duração acabam desenvolvendo o que eles chamaram de relação líquida com posses, que definiria o modo flexível e desapegado com o qual esses consumidores se relacionam com a posse de bens materiais. Para estes indivíduos, o maior desapego às posses ajuda a definir sua identidade e estilo de vida, e é uma condição necessária para que seu modo de vida 'nômade' se sustente. Esses autores mostram como na contemporaneidade o apego a objetos pode se tornar um fardo que dificulta a movimentação e tira a liberdade do sujeito.

Ainda, Saatcioglu e Ozanne (2015) apresentam uma perspectiva diferente ao mostrar como o *habitus* moral fomenta práticas de consumo, identidades e avaliações sociais entre membros de uma comunidade economicamente sem recursos nos EUA.

O conceito de campo, presente na obra de Bourdieu, é também importante nesse trabalho. Bourdieu (2003) caracteriza o campo como sendo caracterizado por regras e regularidades que estruturam (mas não determinam) as possibilidades dos indivíduos de atuação no próprio espaço e contexto. O campo estabelece tanto o funcionamento dos grupos quanto as regras que implicam distinção social dentro dele.

Método

Esse estudo visa a mostrar como restrições espaciais em determinadas condições sócio-econômicas (o campo) fomentam práticas de consumo e utilização de espaços e ajudam a construir um certo estilo de vida. As práticas são nossa unidade de análise pois elas revelam comportamentos imersos em contextos sócio-culturais e espaciais (HOLTTINEN, 2014). Para isso investigamos como morar em apartamentos pequenos na cidade de São Paulo influencia o estilo de vida e os hábitos de consumo de seus moradores. Foram entrevistadas treze pessoas, pertencentes à classe A (critério Brasil), com idade entre 21 e 35 anos, que moravam em apartamentos de até 50 metros quadrados na capital paulista. O entrevistado deveria ter morado em uma residência com mais de 50 metros quadrados anteriormente, para que pudesse comparar o estilo de vida e hábitos de consumo antes e depois da mudança para um espaço reduzido.

Por meio de entrevistas em profundidade foi possível a documentação direta dos sentimentos, atitudes e comportamentos do público investigado (SALDAÑA, 2011) em relação à sua experiência de morar. As entrevistas em profundidade foram pré-agendadas e realizadas de maneira desestruturada (SALDAÑA, 2011), proporcionando ao entrevistado uma grande liberdade de expressão e de escolha de caminhos (FONTANA; FREY, 2000).

Entre os tópicos discutidos estavam: a moradia anterior, de maior espaço; a memória de seu dia a dia nesta habitação; os motivos da mudança e os sentimentos em relação a ela; os principais desafios, perdas e ganhos que acompanham a redução do espaço residencial; o cotidiano do morador, suas atividades e como elas foram influenciadas pela habitação; a vida social dentro do lar, o recebimento de visitas e as atividades que são feitas nessa situação; a vida por cômodos, que explora o que ocorre em cada cômodo da casa. Quando se tratou da cozinha, por exemplo, o entrevistado era convidado a falar sobre a frequência de suas idas ao supermercado, da compra de utensílios de cozinha, e a mostrar onde cada um desses produtos é acomodado. Essa forma de diálogo se repetiu para cada cômodo, tendo sido importante a realização das entrevistas no apartamento de cada morador. A observação da disposição de móveis também ajudou na percepção do estilo de vida e dia a dia dos indivíduos. Desta forma, a coleta de dados para esta pesquisa contemplou também alguns componentes relevantes da observação, tanto da postura do entrevistado quanto do campo explorado.

Como recomendado por Saldaña (2011), os entrevistados foram conscientizados do propósito deste estudo, o que os deixou mais à vontade para abrir seus apartamentos para as entrevistas, além de ajudá-los a selecionar as informações que dariam.

As entrevistas foram feitas até que as informações obtidas fossem consideradas saturadas em relação ao objetivo do estudo. Assim, a análise dos dados se deu continuamente, iniciando-se logo que as primeiras entrevistas foram conduzidas, o que

permitiu a identificação de padrões de respostas, dos assuntos mais enfatizados e das lacunas de cada conversa, possibilitando ajustes e uma abordagem mais efetiva nas próximas entrevistas. As treze entrevistas foram gravadas, e as gravações transcritas e analisadas, primeiro individualmente e depois comparando-se todas entre si.

O processo de codificação se deu a partir de uma leitura linha a linha na busca de unidades de análise (SPIGGLE, 1994). Conforme novas entrevistas eram feitas, novos códigos iam surgindo, sendo confirmados ou modificados. A comparação entre entrevistas se deu continua e sistematicamente, visando à identificação de padrões recorrentes entre os entrevistados, para as diversas categorias emergentes. No processo de análise utilizou-se a abstração de forma a unificar dois ou mais códigos em códigos de segunda ordem ou categorias, orientados tanto pelos dados (SALDAÑA, 2011) quanto pela literatura (SPIGGLE, 1994).

Resultados

Nessa sessão trataremos das práticas que emergiram relacionadas ao *habitus* (disposições, padrões de ação e modos de pensar) que opera dentro do novo campo em que se encontram os entrevistados - a residência em apartamentos pequenos, dentro de um contexto sócio-econômico. Em primeiro lugar apresentaremos o novo momento de vida desses indivíduos e depois as práticas de consumo relacionadas ao *habitus* e ao campo. A figura 1 retrata esses 3 elementos analíticos.

Novo momento de vida

Dois grupos em momentos distintos de vida emergiram das entrevistas: indivíduos que saíram recentemente da casa dos pais, normalmente para cursar o ensino superior; e indivíduos já estabelecidos profissionalmente, normalmente mais velhos que os do primeiro grupo. Denominamos aqui o primeiro de 'grupo universitário' e o segundo de 'jovens profissionais'. Na tabela 1 pode-se observar a distribuição dos entrevistados entre os dois grupos, bem como suas características: sexo, idade, profissão, se dividem o apartamento ou moram sós, bairro onde vivem, metragem quadrada da residência e se o apartamento é próprio ou alugado. Foi dado um codinome a cada indivíduo.

Existe uma grande diferença na fase de vida dos dois grupos. O primeiro passa por uma fase de transição emblemática: são os primeiros anos da vida adulta, a saída da casa dos pais, a intersecção entre o final da vida de estudante e início da profissional. Todos estes fatores tornam o momento de vida destes indivíduos conturbado e incerto. Além dos questionamentos recorrentes entre os jovens que transitam entre vida estudantil e profissional, o grupo entrevistado tem um elemento intensificador que é o fato de terem deixado a casa dos pais para estudar o que, em alguns casos, significou também uma mudança de cidade: do interior paulista e de outros estados para a cidade de São Paulo.

Para alguns destes indivíduos, principalmente para o público feminino, além das consequências relacionadas à perda de espaço físico da residência, surgiram questões referentes ao lar, que em muitos casos ainda é associado à casa dos pais, e não ao lugar onde efetivamente habitam. Isso significa, tomando as reflexões de Tuan (1977), que para estes entrevistados, o local que moram hoje não lhes permite estar vulnerável, não lhes oferece um elemento tranquilizante, o qual ainda buscam na casa da família, esta sim, considerada o lar, o espaço no qual se sentem à vontade.

Além de tempo para significar o lugar que virá a ser o lar, o indivíduo precisa estar receptivo à mudança, o que nem sempre apareceu entre os entrevistados do grupo

universitário, pois muitos alegaram que sua moradia é provisória e estritamente funcional. Dessa maneira, eles não têm incentivo para decorá-la conforme seu gosto, dificultando a criação de marcadores de identidade a partir do espaço e, consequentemente, o senso de lar. Isso é coerente à fase de vida destas pessoas, pois em meio a tantas transições, é difícil haver um elemento de certeza. Como "place is pause in movement" (TUAN, 1977 p.138), e esses jovens estão em meio à intensa movimentação (física e subjetiva), há mais dificuldade em se criar raízes e laços emocionais em um local, como se percebe pela fala de Maria: "Não é o ambiente mais bonito nem a decoração que mais gosto, mas é funcional, e eu não sei quanto tempo vou ficar aqui, então não penso em reformar nem em trocar os móveis agora".

Codinome	**Grupo**	**Sexo**	**Idade**	**Profissão**	**Com quem mora**	**Bairro**	**Tamanho apto.**	**Alugado vs. Próprio**
Ana Maria	U	F	22	Estudante de Ciências Sociais	Amiga	Santa Cecília	50m²	Alugado
Fábia	U	F	21	Estudante de Economia	Só	Consolação	42m²	Alugado
Juliana	U	F	22	Estudante de Medicina	Irmã	Bela Vista	48m²	Próprio
Luís	U	M	22	Estudante de Administração	Só	Consolação	47m²	Próprio
Thomas	U	M	21	Estudante de Administração	Amigo	Bela Vista	49m²	Alugado
Aline	JP	F	35	Publicitária	Namorado	Paraíso	50m²	Alugado
Amanda	JP	F	30	Relações Públicas	Só	Santa Cecília	35m²	Alugado
Carlos	JP	M	27	Servidor Público	Só	Jardim Paulista	42m²	Próprio
Maria	JP	F	24	Consultora	Só	Itaim Bibi	39m²	Alugado
Mariane	JP	F	24	Economista	Irmã	Bela Vista	48m²	Próprio
Maurício	JP	M	32	Administrador	Só	Pinheiros	48m²	Próprio
Olga	JP	F	34	Publicitária	Marido	Pinheiros	47m²	Próprio
Tânia	JP	F	26	Relações Públicas	Amiga	Alto da Boa Vista	46m²	Alugado

Tabela 1 – Descrição dos Entrevistados

Quando a transição coincide com uma mudança de cidade, a transformação é ainda mais brusca, pois o indivíduo perde dois dos seus centros de identidade: a presença familiar e os objetos do dia a dia, representados pelo lar, e as referências espaciais onde viveu toda sua vida até o momento.

A relação que os jovens profissionais têm com seu apartamento mostra que os indivíduos ao longo do tempo transferem o senso de lar da casa dos seus pais para o local em que passaram a morar. Para os jovens profissionais, a casa dos pais é uma realidade distante, e o local que habitam já é seu lar. Tuan (1977) mostra que parte do afeto com o primeiro lar dos indivíduos, normalmente a casa da família, se dá devido às memórias da infância, quando as condições de vulnerabilidade e dependência eram constantes, e devido à segurança proporcionada por um local onde tudo é conhecido. Com o tempo, porém, o indivíduo vai se desprendendo dessa afetividade, ganhando independência e transferindo o significado que cultiva em relação a este lugar para outros lugares.

> Quando eu me mudei, há 7 anos atrás, eu queria algo simples: uma cama, um sofá e uma TV. Não importava se era bonito ou feio. Depois, com o tempo, você vai ficando mais sofisticado, mais fresco. Suas prioridades vão mudando. Além disso, agora eu sei que vou ficar aqui por mais um bom tempo e considero este apartamento minha casa. Quando saí da cada dos meus pais eu não sabia. Na verdade, nem pensava sobre isso. (Maurício)

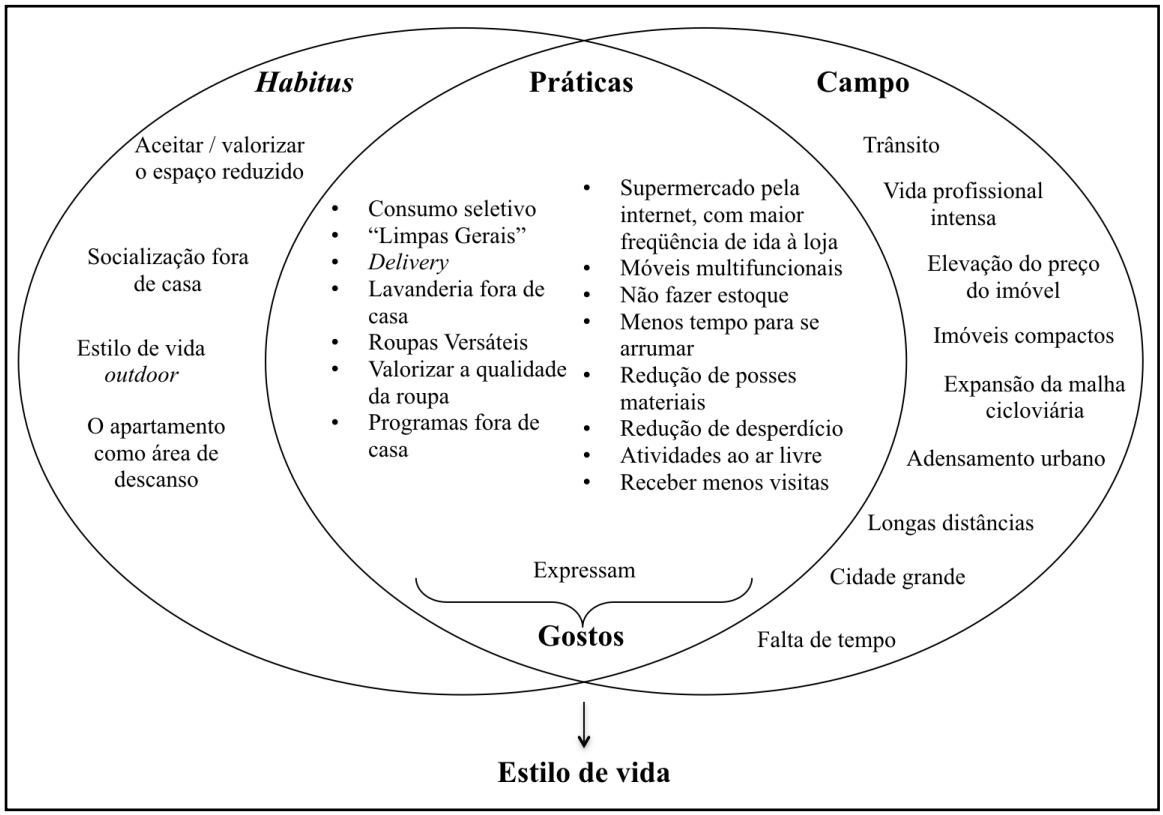


Figura 1- *Habitus*, práticas campo no morar compacto

A mudança para um espaço menor

Um fator em comum entre os entrevistados é o de terem se mudado de uma residência maior para um apartamento compacto, tendo havido para todos uma perda de espaço físico na habitação. O senso de amplitude é relativo, e varia conforme comparações com outros espaços, referências e aspirações de cada sujeito (TUAN, 1977).

O *habitus* (Bourdieu, 2003) não pode ser dissociado do contexto em que foi gerado. Dessa maneira as referências culturais e as aspirações de certo grupo influenciam sua percepção de espaço, da moradia e da organização da casa. Os entrevistados nesta pesquisa são um grupo social relativamente coeso, composto em sua totalidade por brasileiros urbanos, de classe alta. Este grupo se acostumou a residências relativamente grandes, todos eles sendo a primeira geração da família a habitar um apartamento inferior a 50 metros quadrados.

O morar em um espaço reduzido constitui uma mudança para o morador, e essa se dá de encontro a uma tradição cultural e faz parte do novo *habitus* de um determinado grupo social: a cultura brasileira ainda se baseia em espaços amplos, diferentemente da Europa, por exemplo. No Brasil contemporâneo ainda se associa uma grande residência a status mais elevado, posição social e ao pertencimento a determinado grupo. Faz parte do *habitus* do cidadão médio brasileiro aspirar a uma casa grande. Por outro lado, a tendência de redução de apartamentos pela qual as grandes capitais vêm passando põe cada vez mais empecilhos à concretização desta aspiração, se contrapondo ao *habitus* vigente da elite urbana.

Novas Práticas de Consumo

A socialização e os programas fora de casa

Os entrevistados afirmaram que a vida social foi muito influenciada pela redução do espaço em que moram, alterando tanto a frequência e as características do recebimento de visitas, quanto as atividades feitas na residência e a opção por programas fora de casa.

O espaço reduzido do apartamento influencia diretamente o número de pessoas recebidas em casa, bem como a frequência com que isso ocorre. Os moradores recebem menos amigos por acreditarem que falta estrutura, não havendo, por exemplo, lugares para sentar ou pratos suficientes. Essa condição também ajuda a definir as atividades feitas quando há visitas: pede-se um jantar *delivery* e chama-se amigos para beber, justamente por serem formas de socialização que não exigem muito da estrutura da cozinha e da sala. O relato de Maurício ilustra esta prática: "Quando vem alguém em casa, normalmente a gente pede uma pizza ou toma uma cerveja. É simples, não precisa de muita louça e não faz bagunça."

É possível fazer um recorte por grupo: para o grupo universitário, a falta de conforto tem impacto relativamente menor sobre a quantidade e frequência de visitas, embora ainda tenha importância. Este grupo mencionou chamar até 10 pessoas quando o objetivo é uma reunião rápida antes de sair para algum lugar noturno, situação onde não há necessidade de todos se sentarem. Já para o grupo dos jovens profissionais, o conforto é mais crítico e a quantidade de visitas recebidas menor, normalmente 4 pessoas.

O aumento do consumo de locais e experiências exteriores à residência também é atrelado à falta de opções dentro de uma casa pequena, e se aplica tanto à socialização,

quando se sai para encontrar amigos, quanto às atividades que o indivíduo faz sozinho. Bares, restaurantes, cinemas, cafés e locais de leitura e estudo, como bibliotecas, faculdade e parques são escolhas comuns, devido à falta de conforto e espaço dedicados a essas atividades na casa. Os entrevistados foram incisivos na convicção de que a moradia compacta não é o local ideal para socializar, como evidencia o depoimento de Amanda.

> (o apartamento) É um canto que serve para descansar, tomar banho, recarregar as energias e sair para as coisas que devem ser feitas: trabalho, conhecer pessoas, ir ao cinema. Tudo isso é na rua. Aqui não é o lugar de receber muitas pessoas, e a vida não acontece aqui dentro. A vida acontece fora deste apartamento (Amanda)

A relação entre espaço de morar, vida social e consumo apresenta influências mútuas: O espaço molda um perfil de consumo – ter poucos utensílios de cozinha e locais para sentar - que por sua vez alimenta uma prática – sair ao invés de receber pessoas e cozinhar raramente. O fato de receber poucas pessoas e sair muito, por sua vez, não cria o incentivo para comprar mais utensílios e faz com que o espaço passe a ser considerado satisfatório para as atividades do morador, formando um ciclo.

Assim, percebe-se que os valores estão entrelaçadas com as práticas e que o estilo de vida dos moradores vai se transformando com essas novas práticas. Muitos dos entrevistados disseram que gostariam de receber mais visitas caso tivessem um apartamento maior; mas enquanto isso não ocorre, vão se habituando a sair mais do que receber. Como passam a sair muito, deixam de ver necessidade em ter um apartamento maior, mostrando que, dado o novo estilo de vida, o apartamento pequeno passa a ser adequado.

Outro fator importante para entender a vida social dos indivíduos é o contexto da cidade de São Paulo, com suas longas distâncias, dificuldades de mobilidade, queixas por falta de tempo e vida profissional intensa. Alguns entrevistados mencionaram que esse modo de vida já contribui para que a socialização se dê cada vez mais em locais fora de casa, no trajeto entre o trabalho e a residência ou em algum ponto conveniente para a maioria dos amigos. Considerando essa variável, o apartamento compacto também pode ser julgado adequado à nova forma de vida urbana, pois se passa cada vez menos tempo em casa, a qual acaba sendo um ambiente privado de descanso

Uma nova atitude frente o vestuário

Podem-se notar mudanças na relação dos indivíduos com o vestuário que vão desde a frequência de compra e o raciocínio por trás da escolha das peças até o armazenamento. Em relação a esse tópico,identificou-se 3 grupos: (1) mulheres jovens profissionais, que não contam com um local alternativo à própria casa para guardar roupas e sapatos, (2) mulheres do grupo universitário, que ainda consideram a casa dos pais como um segundo espaço para guardar seus pertences e (3) homens, sem diferenciação significativa entre grupos.

O primeiro grupo, de mulheres que guardam todos os pertences na própria casa, foi o que apresentou mudanças mais nítidas no comportamento de consumo. Dentro deste grupo, percebe-se que quanto maior o interesse da entrevistada em moda, mais brutal foi a transição para um novo modelo de consumo, limitado pelo espaço da moradia. Para essas, o novo modelo implica a avaliação crítica do que comprar, uma mudança no estilo de se vestir e uma mudança de atitude em relação ao vestuário.

As entrevistadas afirmaram terem adotado um raciocínio mais crítico no momento da compra de peças de vestuário. O processo de decisão de consumo foi modificado e passou a incluir questionamentos como "preciso mesmo dessa peça?", "onde vou guardá-la?" e "quando vou usá-la?". Além disso, uma lógica de substituição passou a imperar, ou seja, no momento em que se vai comprar algo já se pensa em qual objeto terá de ser descartado para dar lugar ao novo produto, como lembrou Amanda: "Quando vou comprar uma roupa já penso em onde vou guardar e se vou usar mesmo. Isso porque eu sei que pra dar lugar pra ela, provavelmente vou me desfazer de outra."

As mudanças no estilo de se vestir passam por um direcionamento ao básico, com a priorização de 'peças-chave' versáteis de boa qualidade em detrimento de muitas peças de *fast-fashion* que acompanham modismos. Nesses casos, após uma difícil seleção de quais itens levar para a nova casa no momento da mudança, as transformações se deram de forma sutil e gradual até que as novas práticas foram internalizadas e se configurou um novo estilo de vestir, como nos mostra Aline: "Eu compro menos roupas hoje em dia [...]. Acho que mudei as prioridades mesmo: hoje eu prefiro comprar uma boa bolsa preta do que várias bolsas diferentes... ando preferindo lojas melhores e mais caras, mas compro bem menos."

Palavras como 'desapego', 'praticidade' e 'libertação' foram usadas pelas entrevistadas para se referir à nova atitude em relação ao vestuário. O desapego também aparece quando as entrevistadas mencionam se importar menos com repetir roupas, despender menos tempo escolhendo o que vestir no dia-a-dia e reduzir a frequência com que desejam passear em lojas, uma atividade que elas consideram menos interessante por criar situações que possam gerar compra desnecessária por impulso.

Os conceitos de *habitus* e campo, de Bourdieu, ajudam a explicar os processos de criação de novos comportamentos e estilos de vida frente aos espaços pequenos. A redução do espaço disponível modifica suas condições, e novas práticas são adotadas. A repetição e internalização dessas novas práticas, por sua vez, ajudam a configurar um novo estilo de vida.

O segundo grupo, de mulheres que têm a casa dos pais para guardar objetos pessoais, apresenta um comportamento um pouco diferente em relação ao vestuário. Embora elas também tenham um critério de seleção de quais peças manter em seu guarda-roupa, ele é menos rígido, pois não implica em se desfazer permanentemente das peças não priorizadas, que serão redirecionadas à casa dos pais. A dinâmica citada nesse grupo é a de alternância de peças conforme a estação do ano: no calor, as roupas de inverno são levadas à casa dos pais; no frio, a situação se inverte. Outro critério utilizado para a decisão do que será guardado na casa dos pais é a frequência de uso de cada objeto: itens do dia a dia ficam no apartamento próprio, e outros, de uso esporádico, são armazenados na casa da família.

Por mais que a decisão de quais itens manter em sua casa não seja definitiva, a pessoa é confrontada com uma escolha e levada a refletir sobre o que possui, o que precisa e o que efetivamente usa, e isso influencia, gradualmente, o comportamento de consumo desses indivíduos. Quando moravam em uma casa grande, raramente as entrevistadas eram colocadas em uma situação de exclusão, na qual tinham que escolher algumas peças em detrimento de outras, e isso não estimulava uma visão crítica sobre consumo. Quando passaram a habitar um espaço menor e tiveram de priorizar certas roupas, algumas jovens perceberam que na maioria das vezes escolhiam os mesmos itens, e que a outra parte do guarda-roupas, não priorizada, raramente era utilizada. O modo como cada entrevistada que passa por essa situação lida com ela varia: algumas tendem a doar as roupas raramente usadas, e outras disseram ter certa resistência, pois ainda esperam uma

oportunidade futura para usá-las. De uma forma geral notou-se nelas uma prática de consumo mais seletivo.

O terceiro grupo é composto pelo público masculino. Os homens foram os que menos demonstraram mudança de hábito em relação ao vestuário, em parte porque afirmaram nunca terem tido muitas peças de roupas nem o costume de fazer compras como lazer. Embora alguns dos entrevistados mais jovens tenham admitido guardarem algumas roupas na casa dos pais, quando perguntados sobre o motivo para tal comportamento, raramente mencionaram espaço, diferentemente do público feminino. O motivo mais recorrente para os rapazes deixarem suas roupas na casa dos pais – quando esta se encontra fora de São Paulo – foi o fato de que quando vão visitá-los, o que precisam já está lá.

Cozinha: supermercado e o ato de cozinhar

Este tópico contempla práticas de consumo e comportamentos relacionados ao espaço da cozinha dos apartamentos, compreendendo: (1) a compra de alimentos, (2) a compra de eletrodomésticos e utensílios de cozinha, (3) a relação com o ato de cozinhar.

Uma forma de consumo significativamente modificada pela limitação espacial foi a de compra de mantimentos e idas ao supermercado. A análise desse item revelou a existência de dois grupos: o dos que vivem só e o dos que dividem o apartamento com mais alguém. Ambos afirmaram que, em comparação com quando moravam em uma casa maior, vão ao mercado mais vezes e compram em menor volume, optam por menor variedade de produtos e preferem embalagens menores, para o consumo de poucos dias. O que os diferencia, porém, é o motivo que os leva a optar por esse modelo de consumo: o primeiro grupo atribui as menores e mais frequentes compras ao fato de morarem sozinhos, enquanto o segundo vê relação direta com o tamanho do espaço em que habitam.

Alguns dos integrantes do primeiro grupo saíram da casa dos pais recentemente, o que faz com que não consigam comparar precisamente a relação com os mantimentos que existe em um espaço maior – casa dos pais - com a que existe na sua moradia atual, de espaço reduzido: quando moravam com sua família não eram eles que iam ao supermercado, logo, as mudanças que identificaram acabam sendo atreladas à transição recente pela qual passaram: de uma casa onde as tarefas domésticas eram responsabilidade de outra pessoa para uma casa cuja administração depende diretamente deles.

O segundo grupo, os que dividem o apartamento, também afirmou ir mais vezes ao mercado e comprar quantidades menores de mantimentos, porém como algo diretamente ligado ao espaço disponível para armazená-los. Ao contrário das pessoas que moram sozinhas, os integrantes deste grupo revelaram sentir falta de armários na cozinha e se incomodarem com o fato de não poderem gerir um pequeno estoque de alimentos. Juliana, que divide o apartamento com a irmã, mencionou inclusive que foi feita uma reforma na cozinha, retirando a mesa geminada à parede para dar lugar a um pequeno armário de duas prateleiras.

> Tem um armário na cozinha onde guardo mantimentos. E é isso que limita a quantidade de compras. Queria guardar 10 garrafas de chá, por exemplo, mas não dá. [...] Eu tenho que comprar menor quantidade, e é um pouco chato porque acaba 'toda hora'. Na cozinha não tem mais mesa. Transformamos o balcão em um armário, justamente para guardar mais coisas. (Juliana)

A compra de utensílios de cozinha e eletrodomésticos também é afetada pela falta de espaço para guardá-los. Os entrevistados afirmaram ter poucos itens fundamentais para cozinhar e servir. Isso, somado ao fato do espaço da cozinha ser compacto, influencia a relação do morador com o ato de cozinhar, tanto no que contempla o cotidiano, com o preparo de refeições básicas no espaço privado, quanto no que contempla a cozinha como espaço social e local de confraternização. Ao analisar as mudanças atreladas ao ato de cozinhar, os entrevistados acabaram sendo divididos em dois grupos: aqueles que gostam de cozinhar e veem o ato além de sua funcionalidade, como lazer; e aqueles que preparam alimentos apenas como necessidade do dia a dia.

O primeiro grupo demonstrou dificuldades de adaptação à uma cozinha pequena e, em alguns casos, revelou – com ressentimento - estar perdendo o hábito de cozinhar como lazer, pois o pouco espaço torna a atividade mais complicada e menos prazerosa: há pouco espaço para cortar e reservar alimentos, poucos utensílios, o cheiro se espalha pela casa. Alguns entrevistados mencionaram que sentem falta de fazer receitas elaboradas, porém nos momentos em que vão preparar uma refeição, consideram a complexidade que isso representaria, e acabam optando pelo preparo de uma receita mais simples, ou por pedir algo via *delivery*, tanto em se tratando de uma refeição preparada para si mesmo quanto em uma refeição para visitas, quando a cozinha adquire conotação de ambiente de confraternização.

Área de serviço: um cômodo que perde a importância

A área de serviço é, proporcionalmente, a área da casa que mais sofreu redução de metragem quadrada. A despeito disso, é o local que suscita menor insatisfação dos entrevistados. Isso ocorre possivelmente porque as atividades relacionadas à área de serviço raramente geram associações emocionais com o indivíduo: é um local onde a estética e o conforto são secundários, onde não ocorrem interações sociais, e não se faz quaisquer atividades além das obrigações domésticas.

As atividades relacionadas a esse espaço foram influenciadas pela limitação espacial no que diz respeito a dois pontos principais: a quantidade e a frequência da compra de produtos de limpeza; e a dinâmica de lavar e passar roupas.

Quanto à compra de produtos de limpeza, o comportamento relatado foi similar ao da compra de mantimentos: compra-se em menor quantidade e não se estoca produtos. O espaço pequeno impossibilita o armazenamento de muitos produtos e faz com que eles durem mais, pois a superfície a ser limpa é menor. Além disso, em não havendo a possibilidade de estocar produtos, os indivíduos tornam-se menos influenciáveis por promoções.

Metade dos entrevistados possuía máquina de lavar roupas em casa. Os que não possuíam exibiram dinâmicas alternativas para fazer a lavanderia: alguns, do grupo universitário, levavam as roupas para serem lavadas na casa dos pais, outros mencionaram utilizar serviços de lavanderia, que variam entre lavanderias tradicionais, lavanderia do prédio em que moram e lavanderia pela internet (um funcionário busca as roupas na residência do cliente e as devolve depois de lavar), como foi o caso de Carlos: "Eu não tenho máquina de lavar; uso uma lavanderia pela internet. Chama 'e-lave': Você paga por cesto, eles vêm buscar as roupas aqui (no apartamento) e depois devolvem passadas."

Percebe-se, portanto, uma relação direta entre a redução da metragem quadrada dos apartamentos e o fato de algumas atividades e serviços que tradicionalmente eram feitos na própria residência passarem a ser feitos por estabelecimentos especializados.

Organização, praticidade e desapego

Uma constatação comum entre todos os entrevistados foi a de que eles passaram a ser mais organizados e valorizar a praticidade desde que se mudaram para um apartamento compacto. Isso pode ser explorado em diversas práticas de consumo, como a desvalorização do acúmulo de objetos, o aumento da frequência com que se pensa e pratica o descarte de pertences e a opção por móveis multifuncionais, que organizam e otimizam o espaço.

Em comparação com a época em que habitavam uma residência mais espaçosa, os entrevistados mostraram que, com a limitação espacial, foram perdendo o hábito de acumular objetos considerados supérfluos, como brindes, pequenos itens de decoração e quaisquer outros para os quais não se vê função nem laço emocional significativo. Isso denota que o espaço reduzido contribui para que o sujeito seja mais desapegado e crítico em relação às suas escolhas de consumo de objetos materiais.

O cuidado para não acumular objetos e não 'atravancar a casa' – termo que surgiu em algumas entrevistas - se reflete tanto no momento de compra de objetos novos quanto no tratamento dado aos que já se possui. Eles declararam uma mudança de atitude em relação a bens materiais, que, em muitos casos, passam a ser vistos como um fardo, como itens que mais atrapalham o dia a dia do sujeito do que lhe acrescentam algo positivo. Muitos entrevistados têm o hábito de fazer o que chamam de "limpa geral".

> Qualquer coisa que eu achava mais ou menos legal eu guardava, achando que ia usar no futuro, e nunca mais usava. Mudar pra cá me ajudou a saber melhor o que eu posso e o que eu devo ter. Então eu jogo muito mais coisas fora. Se eu recebesse um presente em uma embalagem bonita, por exemplo, antes eu guardaria essa embalagem, e hoje vejo isso como um item inútil e jogo fora na hora. Até com roupas é assim: eu olho meu armário já pensando no que posso me desfazer. Até me irrita ver que tem muita coisa 'parada' lá. (Amanda).

Além da prática do descarte, uma solução adotada por moradores de apartamentos pequenos para garantir organização e otimização do espaço no dia a dia foi a compra de móveis multifuncionais. Durante as entrevistas observou-se sofás-cama, espelhos que também são armários, gavetas embutidas na cama, mesas dobráveis e camas-baú.

Uma mudança de estilo de vida costuma se dar em diversas áreas e atitudes: "*Pars totalis*, cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras" (BOURDIEU, 2003. p.75). Portanto, entende-se que a praticidade que os entrevistados valorizam quando cozinham, pedem refeição *delivery*, organizam seu guarda-roupas e se arrumam para sair de casa é a mesma praticidade que buscam em seu cotidiano e na vivência em seu apartamento compacto. Configura-se, desta maneira, um estilo de vida comum entre os moradores de residências urbanas cada vez menores, cujas preferências constantemente vão em direção à uma vida mais prática e ao desapego dos objetos considerados supérfluos ou até mesmo um fardo. Para este novo estilo de vida, o apartamento compacto é considerado adequado, uma vez que as práticas do morador foram modificadas.

A nova atitude apresentada pelos entrevistados em relação às posses materiais assemelha-se à relatada por Bardhi, Eckhardt e Arnould (2012), quando se referindo ao comportamento dos nômades globais contemporâneos, que evitam o apego a muitos objetos por julgar que isso tolhe sua liberdade e impede suas movimentações. No caso dos

nômades globais, o desapego era uma condição para suas frequentes realocações, já no caso dos moradores de apartamentos compactos, é a limitação espacial que estimula uma 'relação líquida' com as posses.

O sentimento de sufoco e estratégias para amenizá-lo

Uma queixa comum foi a de que, muitas vezes, o entrevistado se sente sufocado em seu apartamento e oprimido pela impossibilidade de muitas movimentações e atividades dentro do espaço habitado. Tuan (1977) mostrou que a amplitude fornece senso de liberdade ao indivíduo e que essa liberdade é entendida como a possibilidade de se mover, implicando, portanto, em espaço.

Alguns entrevistados exemplificaram seu desconforto espacial descrevendo a dinâmica da mudança de cômodos dentro do apartamento, e como eles sentem falta de precisar andar um pouco para ir de um ponto ao outro: "Eu sinto falta de andar até meu quarto, de andar até a sala. Aqui é tudo do lado. Em três passos estou em outro cômodo" (Juliana). Thomas ilustrou essa sensação ao enfatizar que, desde que se mudou para seu apartamento de 49 metros quadrados, sente falta de utilizar advérbios de lugar (aqui, ali, lá, aí) diversificados para se referir aos cômodos de sua residência: "Eu queria dizer 'ali' é a sala de jantar, 'aqui' é a cozinha, 'lá' é o quarto, mas não dá, porque tudo é 'aqui'!" (Thomas).

Uma vez registrado o sentimento de sufoco dos entrevistados, eles foram questionados a respeito do que consideram fatores que amenizam essa sensação, e as respostas exibiram alguns pontos em comum, que contemplam tanto aspectos físicos do apartamento, como ter menos móveis e garantir ventilação e iluminação, quanto mudanças de comportamento do morador, como ficar menos tempo em casa, buscar programas ao ar livre e aproveitar a área de lazer compartilhada dos condomínios, quando possuem.

Outro fator citado para amenizar o mal-estar provocado pela limitação espacial do apartamento é a presença de elementos que remetem à natureza e ao ambiente externo: valorizou-se janelas, iluminação natural e ventilação no apartamento e reconheceram que, embora essas sejam características que a maioria das pessoas busca, independentemente de onde habitam, o fato de morar em um espaço pequeno as torna mais críticas.

Além de buscarem tornar seu apartamento mais confortável e amplo por meio da decoração e entrada de luz e ar, os entrevistados adotam atividades fora de casa e evitam passar muito tempo sem sair. Mesmo a escolha dos programas fora da residência é influenciada pela relação dos indivíduos com sua casa, e cresce seu interesse por atividades ao ar livre, como bares e restaurantes com área externa e eventos em parques. Percebe-se que esse comportamento está de acordo com algumas transformações observadas no lazer da capital paulista, como o fechamento da Avenida Paulista e do Elevado Costa e Silva para carros, o aumento da malha cicloviária, e a popularização dos *parklets* e *food parks*. A emergência desta nova cena cultural pode ser considerada um sinal de que um novo estilo de vida vem ganhando força e provocando mudanças em diversos âmbitos da vida do morador dos grandes centros. Dentre essas mudanças, está a relação do indivíduo com o espaço, tanto o privado, do apartamento residencial, quanto o público, da cidade em si. Como afirmou Luís, "Não consigo ficar os dois dias do fim de semana em casa. Vou sair com alguém, passear na Paulista, numa livraria, andar de bicicleta... se eu fico aqui muito tempo eu me sinto preso."

Discussão

Esse trabalho, além de descrever mudanças comportamentais provocadas por restrições espaciais dentro de um contexto sócio-econômico comum a grandes metrópoles, trata de como o espaço-lugar constrói novos hábitos e afeta, por conta disso, mercados, no caso aqueles atrelados ao morar (móveis, alimentação, serviços de limpeza, lazer, etc.). Em contextos de restrição de espaço (ou de restrições de oferta, se quisermos trazer os economistas para nosso espaço), o espaço passa a ter maior valor, como verificado no aumento do preço dos imóveis nos grandes centros urbanos e na redução da metragem média dos apartamentos vendidos. E seu valor se dá economicamente mas também como vetor de mudanças comportamentais. A restrição de espaço de moradia está transformando a forma como as pessoas se comportam, como nossos dados bem evidenciam, e também a forma como as pessoas entendem o que é um lar e como se relacionar com ele individual e coletivamente. As relações sociais e as relações individuais com o espaço estão sendo imbricadas nos novos micro-espaços de morar.

Curiosamente, o que se notou nos entrevistados foram vidas amplas - social, afetiva e profissionalmente - em espaços pequenos. Não mais se estabelece uma lógica de que ter é ser ou de que quanto maior o seu apartamento mais feliz você é. Ainda que essa relação se dê por conta de uma restrição espacial, ela está transformando a forma como as pessoas entendem o papel do seu lar em sua vida, em termos de espaço e de relações que nele se estabelecem. Assim, este trabalho concorda com a afirmação de Castilhos, Dolbec e Veresiu (2014) de que o lugar tem prevalência ontológica no modelo PTSN (Place, Territory, Scale e Networks), justamente por ser generativo, por ter um poder superior aos demais na transformação dos comportamentos, valores e estilo de vida, pelo menos em contextos semelhantes ao nosso.

Curiosamente, ao socializar e manter um estilo de vida mais voltado a estar fora de casa, os indivíduos revelam uma prática que reflete os desejos e o estilo de vida de uma geração e também uma prática que reforça sua não inclusão em grupos de baixo capital econômico, usualmente associados com espaços pequenos ou de alta densidade social (O'GUINN; TANNER; MAENG, 2015). A naturalização do viver em espaços compactos eleva o valor simbólico do apartamento compacto nos grandes centros.

Essas transformações relatadas provocaram reações bivalentes nos entrevistados. Sua relação com os novos espaços e suas implicações e restrições não são recebidas de forma plenamente positiva. Pode-se observar neles a sensação tanto de prisão quanto de liberdade: há uma relação dicotômica entre os indivíduos, o espaço que habitam e o novo estilo de vida a partir dele construído. Trata-se de uma relação onde o mesmo espaço hora é associado à prisão e opressão, hora à liberdade, variando conforme a dimensão sob a qual ele se apresenta em cada situação.

O espaço foi visto como prisão quando limitou as atividades que o indivíduo pode ou não realizar, o número de visitas que ele pode convidar para sua casa, a mobília e os bens materiais que ele pode possuir. Além disso, o sentimento de sufoco e de impossibilidade de movimentação também corroborou com a associação do espaço à opressão e ao senso de aprisionamento. Por outro lado, é esta mesma limitação espacial que dialoga com o novo estilo de vida do morador, mais 'enxuto', prático e desapegado de posses materiais, o que foi constantemente lembrado como uma mudança positiva em direção a uma vida mais tranquila e 'livre'. O espaço pequeno fez com que os moradores tivessem consciência de todas as suas posses materiais, os obrigou a encará-las e os lembrou, diariamente, que os objetos que eles optam por guardar irão se acumular e podem, estes sim, configurar um fardo, uma prisão. Ao provocar um raciocínio crítico dos moradores, o espaço reduzido pode ser associado à liberdade, ao passo que ajuda o sujeito a enxergar o que é de fato essencial ao seu bem-estar e a libertar-se de uma relação de

dependência de objetos supérfluos. Menos espaço, menos objetos mas, talvez, uma vida mais rica.

Referências

BARDHI, Fleura; ECKHARDT, Giana M.; ARNOULD, Eric J. Liquid relationship to possessions. *Journal of Consumer Research*, v. 39, n. 3, p. 510-529, 2012.

BOURDIEU, Pierre. (1979) Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

CASTILHOS, Rodrigo; DOLBEC, Pierre-Yann; VERESIU, Ela. Conceptualizing the Space of Markets: How Spatiality Influences Market Dynamics. *Advances in Consumer Research*, v. 42, p. 265-270, 2014.

DEBENEDETTI, Alain; OPPEWAL, Harmen; ARSEL, Zeynep. Place attachment in commercial settings: a gift economy perspective. *Journal of Consumer Research*, v. 40, n.5, p. 904-923, 2014.

FONTANA, Andrea; FREY, James H. (1994) The interview: From Structured Questions to Negociated Text. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of qualitative research*. 2. ed. Sage Publications, Inc, 2000. Cap. 24, p. 645-672.

HOLTTINEN, Heli. How practices inform the materialization of cultural ideals in mundane consumption. *Consumption Markets & Culture*, v. 17, n. 6, p. 573-594, 2014.

KURUOGLU, Alev P.; GER, Güliz. An emotional economy of mundane objects. *Consumption Markets & Culture*, v. 18, n. 3, p. 209-238, 2015.

MACLARAN, Pauline; BROWN, Stephen. The center cannot hold: consuming the utopian marketplace. *Journal of Consumer Research*, v. 32, n. 2, p. 311-323, 2005.

NIELSEN, Helene P.; MØLLER, Karina T. Studying place practices and consumption through volunteer-employed photography. *Journal of Consumer Culture*, 1469540514536195, 2014.

O'GUINN, Thomas C.; TANNER, Robin J.; MAENG, Ahreum. Turning to Space: Social Density, Social Class and the Value of Things in Stores. *Journal of Consumer Research*, v. 42, n.2, p. 196-213, 2015.

SALDAÑA, Johnny. *Fundamentals of Qualitative Research*: Understanding Qualitative Research. ed.1. Nova Iorque: Oxford University Press, 2011.

SAATIOGLU, Bige; OZANNE, Julie L. Moral habitus and status negotiation in a marginalized working-class neighborhood. *Journal of Consumer Research*, v. 40, n. 4, p. 692-710, 2013.

SPIGGLE, Susan. Analysis and interpretation of qualitative data in consumer research. *Journal of Consumer Research*, v. 21, December, p. 491-503, 1994.

TUAN, Yu-Fu. Space and Place: *The Perspective of Experience*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1977.

VISCONTI, Luca M.; SHERRY, John F., BORGHINI, Stefania; ANDERSON, Laurel. Street art, sweet art? Reclaiming the "public" in public place. *Journal of Consumer Research*, v. 37, n.3, p. 511-529, 2010.

WISE, John Macgregor. Home: Territory and identity. *Cultural studies,* v. 14, n. 2, p. 295-310, 2000.